

MARIA JOANA BARBEDO MARQUES FERREIRA DA SILVA VIEIRA DE CASTRO

**RETÁBULOS NEO-CLÁSSICOS DO PORTO.
UMA PROPOSTA TIPOLÓGICA**

Volume I

**Dissertação de Mestrado
em História da Arte
apresentada à F.L.U.P.**



**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO
1996**

INTRODUÇÃO

A evolução da arte europeia teve subentendida desde sempre, uma admiração respeitosa pela Antiguidade e por um desejo de imitação perfeitamente evidente em algumas épocas¹. E esse interesse pela antiguidade clássica é anterior à segunda metade do século XVIII². Porém, e nessa época, uma série de escavações e estudos arqueológicos, começados primeiro em Herculano e depois em Pompeia, revelaram aspectos ligados ao modo de viver e de agir dos antigos, bem como à arte dessa época que, conhecidos por toda a Itália e Europa, provocaram grande emoção nos círculos intelectuais e artísticos.

As inúmeras publicações que se seguem -como, por exemplo, de Robert Wood *As Ruínas de Atenas*, de 1753; de Le Roy *Ruínas dos mais belos monumentos da Grécia*, de 1758; de Robert Sayer *Ruínas de Atenas*, de 1759; de James Stuart e Nicholas Revett *As Antiguidades de Atenas* de 1762³ -, derivadas dessas escavações contribuem para a divulgação da arte antiga, que se vai tornar na grande fonte de inspiração artística.

Entretanto, e pela mesma altura, o movimento Iluminista começa a assumir um tom moralista com repercursões em todos os sectores das sociedades de então⁴. Esta reacção intelectual preconizada entre outros, por Rousseau, Diderot, e Cochin caracteriza-se, na arte, por uma aversão aos

¹ [...Estas associações definiram os meios para assegurar às obras uma qualidade superior, para as tornar capazes de ultrapassar a moda e atingir a perenidade, como as obras antigas] TAPIÉ, Victor L. - *Barroco e Classicismo*. Lisboa: Ed. Presença, 1988. I vol. p. 241.

² Sobre os reflexos da antiguidade e o classicismo que daí advém desde o Renascimento, ver: PARISSET, François-Georges - *L'art classique*. Paris: PUF, 1965.

³ PARISSIEN, Steven - *Neo-classique: Le Style Adam*. Paris: Phaidon Press Limited, 1992. pp.32; 36-37.

⁴ HONOUR, Hugh - *Neoclassicism*. London: Penguin Books; 1991. p. 17.

temas preferidos do estilo rococó, às qualidades sensuais e apelativas que esta arte manifestava.

O novo papel do artista, segundo estes teóricos, é equivalente ao de um educador, e a sua arte deve dirigir-se ao público geral em vez de estar apenas dirigida ao seu patrono ou encomendante⁵. Rousseau prega contra os exemplos imorais que as estátuas dos parques e os quadros das coleções dão às crianças e insiste na necessidade da arte dar a conhecer ao povo «os defensores da sua pátria, homens célebres pelas suas virtudes»⁶. Assim, temas completamente diferentes dos explorados pelos artistas do barroco e rococó, aparecem ou são retomados.

A vasta literatura anti-rococó que então se produz, juntamente com as novas teorizações que aparecem⁷, fazem a apologia da arte da antiguidade clássica, assim como apelam à imitação da natureza, num ambiente intelectual ou espiritual dominado pela ordem e pela razão⁸.

Na divulgação desta nova mentalidade e gosto, tiveram importância capital as academias, que ao encaminharem o seu desenvolvimento e influência para uma direção classicista, são inseparáveis do neo-classicismo⁹. Em França, a nova Ecole Royal fundada por Tournehem, procura dar aos alunos uma formação geral de âmbito alargado, com principal ênfase para a história¹⁰. Mas os currículos académicos incluem também o ensino da

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 29; [Para ele,[o artista]o único recurso (...) é de prevenir e conduzir imperceptivelmente o gosto do público, é de seduzir por uma invenção que iria no desejo difundido pela época...] STAROBINSKI, Jean- L'invention de la Liberté. 1700-1789. Gêneve: Editions d'art Albert Skira, 1964.

⁶ HAUTECOEUR, Louis - Histoire de l'art. Paris: Flammarion, 1959, vol. III, p. 26; HONOUR, Hugh - o.c. p. 17.

⁷ HONOUR, Hugh - o.c. pp. 29-30.

⁸ [A Obra de arte deve ser "pensada", ela deve tratar um tema susceptível de provocar reflexões, fazer compreender as paixões dos actores; ela deve ser moral, pregar a virtude, tornar o vício odioso; ela deve ser verdadeira, (...); ela deve respeitar a natureza,(...): ela deve ser bela, quer dizer conforme ao ideal dos antigos]HAUTECOEUR, Louis - o.c., p. 27.

⁹ Cf. AGUILERA CERNI, Vicente - Academismo. In Dicionário del Arte moderno. Conceptos-Ideas-Tendencias. Valencia: Fernando Torres Editor, 1979, p. 34.

¹⁰ HONOUR, Hugh- o.c. p. 23.

fábula, geografia, pintura, anatomia, geometria, perspectiva¹¹. Dá-se também atenção à educação civil, retomam-se as conferências e, criam-se as bibliotecas¹² e os museus¹³. Tudo concorre para a formação dentro de padrões classicistas.

Na arquitectura, onde a reacção contra o rocaillie se produziu desde o momento do seu triunfo¹⁴, havia quem discordasse em absoluto com as formas movimentada do barroco e rococó. Já em 1671, quando toma posse da presidência da Academia da Arquitectura, Blondel afirma a autoridade dos teóricos, discípulos de Vitruvio e Vignola, o respeito das ordens e, a escolha cuidada e criteriosa dos motivos da ornamentação¹⁵.

Nesta época, em que filósofos, e moralistas reclamavam o direito à comodidade, higiene e beleza¹⁶, as novas construções que então se elevam, permitem a revelação dos arquitectos do amor pelas proporções e a «sua fidelidade às tradições clássicas»¹⁷. Na nova arquitectura, o formulário plástico que então se divulga responde positivamente às preocupações urbanísticas de ordem prática e estética¹⁸.

O movimento neo-clássico, rapidamente adquiriu um «carácter internacional extraordinariamente homogéneo»¹⁹, cuja extensão no espaço e no tempo explica as suas diversidades²⁰, mas com uma articulação teórica baseada nos trabalhos de diversos autores, cujos aspectos doutrinários eram basicamente os mesmos.

¹¹ HAUTECOEUR, Louis- o.c. p. 26.

¹² Idem, ibidem.

¹³ HONOUR, Hugh - o.c. p.85.

¹⁴ HAUTECOEUR, Louis- o.c. p. 30.

¹⁵ TAPIÉ, Victor L. - o.c. p. 241.

¹⁶ HAUTECOEUR, Louis - o.c., vol. II. p. 586.

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ Sobre este assunto ver: STAROBINSKI, Jean - o.c., pp. 39-41.

¹⁹ HONOUR, Hugh - o.c. p. 29.

²⁰ AGUILERA CERNI, Vicente - Neoclassicismo. In o.c., p. 362.

A - FONTES MANUSCRITAS

I - ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO

1 - Secção Notarial

Po. 1º, 4ª série - do nº 367 ao nº 589

Po. 2º - do nº 344 ao 427

Po. 4º, 1ª série - do nº 323 ao nº 489*

Po. 8º - do nº 299 ao nº 459

Po.9º, 2ª série - do nº 34 ao nº 53

Po.9º, 4ª série - do nº 153 ao nº 305

II - ARQUIVO HISTÓRICO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Livro 1º de Resoluções da Mesa(1789; fl. 131)

Livro de despesas (1790)

III - ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO

1 - Série B, Banco 3

Livros 12; 13; 50a -Despesas da Igreja da S.C.M.

Livro 51 - Sepulturas na igreja da S.C.M.

2- Série D, Banco 2

* Desta série notarial não existe o nº 502.

Livros 31a a 37a - Livros das capelas

Série D, Banco 3

Livros 1; 3; 4 - Inventários da igreja e sacristia da S.C.M.

Série D, Banco 4

Livros 17; 17a;18 - Correspondência, alvaras, decretos

Série D, Banco 6

Livros 1 a 26** - Copiadores de correspondência

Livros 31 a 32a -Termos de arrematações

3- Série E, Banco 3

Livros 1 a 48 - Livros da Receita do Cofre

Livros 49 a 62 - Livros da receita da Misericórdia e de Nossa Senhora da Esperança

Série E, Banco 5

Livros 1 a 62 - Livros da receita dos juros

Série E, Banco 6

Livros 17, 18 e 18 compl. - Saídas do cofre para despesas da Misericórdia

4- Série H, Banco 6

Livros 29 a 100 - Testamento de múltiplos benfeitores

5- Série K, Banco 2

Livros 1 a 6 - Despesa com o Recolhimento

6- Série L , Banco 6

Livros 1 a 25; 27 a 66 - Despesa geral

** Não existem os nºs 21, 24, 24a e 25.

B- BIBLIOGRAFIA

AGUILERA -CERNI, Vicente - Academismo, in Dicionário del arte moderno. Conceptos - Ideas - Tendencias. [dir. Vicente Aguilera-Cerni]. Valencia: Fernando Torres Editor, 1979. p.34.

- Neoclassicismo, in Dicionário del arte moderno. Conceptos - Ideas - Tendencias. [dir. Vicente Aguilera-Cerni]. Valencia: Fernando Torres Editor, 1979, pp. 363-363.

- Tipologia, in Dicionário del arte moderno. Conceptos - Ideas - Tendencias [dir. Vicente Aguilera-Cerni]. Valencia: Fernando Torres Editor, 1979, pp. 514-515.

ANACLETO, Regina - A arquitectura neoclássica em Portugal, in Revista Munda. [s.l.]:[s.n.], 1988. Sep. nº 16.

- Neoclassicismo e romantismo, in História da arte em Portugal. vol. 10. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

- Arte, in História de Portugal. 5º vol. [dir. José Mattoso]. Lisboa: Círculo de Leitores, 1956, pp. 668-184.

BASTO, Artur de Magalhães - A capela de S. José das Taipas e as muralhas da cidade, in Boletim Cultural do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto, vol. 5ª, Fasc. 1º(1942), pp. 131-132.

- Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do sec. XV ao XVIII. Porto: Câmara municipal do Porto, 1964.

BAZIN, Germain - Morphologie du retable portugais, in Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa: Imprensa Nacional, 5(1956), pp. 3-28.

BORGES, Nelson Correia - Do barroco ao rococó, in História da arte em Portugal. vol. 9. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

BRANDÃO, Domingos de Pinho - Alguns retábulos e painéis de igrejas e capelas do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1963.

- Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e diocese do Porto. Porto: Sólivros Portugal, 1984-1987. 4 vols.

CABANNE, Pierre - L'art du XVIII.e siècle. Paris: Ed. Somogy, 1987.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan - Dictionnaires des Symboles - mythes - rêves - costumes - gestes - formes - figures - couleurs - nombres. Paris: Ed. Robert Laffont; Ed. Jupiter, 1974. 4 vols.

COUTINHO, Bernardo Xavier - A Igreja e a Irmandade dos Clérigos, in Boletim Cultural do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto. XXXII(1964).

-História documental da ordem da Trindade. Porto:[s.n.], 1972.
2ª vol.

CRUZ, António - Os mesteres do Porto. Subsídios para a história das antigas corporações dos ofícios mecânicos. Porto: Ed. Sub-Secretariado das Corporações dos Ofícios Mecânicos, 1943. vol. I.

FERRÃO, Leonor - Um motivo arquitectónico emblemático, in | CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO: Actas. vol. II. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do Porto, 1991, pp. 593-621.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime - O Porto na época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas. Porto:[s.n.], 1988. vol. I.

FERREIRA, José-Augusto - Memórias archeológico-históricas da cidade do Porto (Fastos episcopales e políticos). Braga: Cruz & Comp.^a Editores, 1924.

FERREIRA, J. A. Pinto - Apresentação, in Alguns retábulos e painéis de igrejas e capelas do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1963, pp. 5-9.

FERREIRA -ALVES, Natália Marinho - A arte da talha no Porto na época barroca. (Artistas e Clientela. Materiais e técnica). Porto: Câmara Municipal do Porto, 1989. 2 vols.

-Francisco Pereira Campanhã, in Dicionário da arte barroca em Portugal[dir. José Fernandes Pereira]. Lisboa:Ed. Presença, 1989, pp. 106-107.

- José Teixeira Guimarães, in Dicionário da Arte Barroca em Portugal[dir. José Fernandes Pereira]. Lisboa: ED. Presença, 1989, p. 219.

-Talha, in Dicionário da Arte Barroca em Portugal [dir. José Fernandes Pereira]. Lisboa: Ed. Presença, 1989, pp. 466-470.

- De Arquitecto a Entalhador. Itinerário de um artista nos séculos XVII e XVIII, in | CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO: Actas. vol.

I. Porto:Reitoria da Universidade do Porto/Gob«verno Civil do Porto, 1991, pp. 355-371.

FRANÇA, José-Augusto - A arte em Portugal no século XIX. Lisboa: Livraia Bertrand, 1966. vol. I.

- A arte portuguesa de Oitocentos, 2ª ed.. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve/vol. 28, 1983.

FREITAS, Eugénio de Andrea da cunha e - História da Santa casa da Misericórdia do Porto. vol. III. Porto: Ed. da Santa casa da Misericórdia do Porto, 1995.

- Memória histórica da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo da cidade do Porto. Porto:[s.n.], 1956.

- O Colégio de S. Lourenço. Alguns documentos para a história da Igreja dos Grilos, in O Tripeiro. Sep. Porto,1968.

- Notas e documentos para a história da Igreja de S. Martinho de Lordelo do Ouro, in O Tripeiro. Porto: 10(1966), pp. 289-291.

GONÇALVES, Flávio - Um século de arquitectura e talha no noroeste de Portugal, in Boletim Cultural do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto, XXXII(1969), pp. 125-184.

- A arte no Porto na época do Marquês de Pombal. in Portugal Revisitado vol.II. Lisboa Ed. Estampa, 1984, pp.103-130.

- A capela de talha da "Árvore de Jessé" da igreja de S. Francisco do Porto, in O Tripeiro. Porto: 5(Maio/1971), pp. 139-145.

HAUTECOEUR, Louis - Histoire de l'art. Paris: Flammarion, 1959. II e III vols.

HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO . Porto: Portucalense Editora, 1965. vols. 2 e 3.

HONOUR, Hugh - Neoclassicism. London: Penguin Books, 1991.

LANGHANS, Franz-Paul - As Corporações dos Ofícios Mecânicos. Subsídios para a sua História. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1943. vol. I.

MEYER, F. S. - Manual de ornamentación. 5ª ed. ampliada. Barcelona:Editorial Gustavo Gili, SA, 1994.

MACHADO, José Alberto Gomes - La discrète splendeur du Baroque, in Histoire des arts plastiques(Synthese de la culture portugaise). Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1992, pp. 75- 108.

MARINHO, Natália; FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime - Aspectos artísticos da Igreja dos Congregados em meados do século XVIII. Porto:[s.n.], 1982.

MARTINS, Fausto Sanches - O Colégio de S. Lourenço. 1560-1774. Porto:[s.n.], 1986.

- O trono eucarístico do retábulo barroco português: origem, função, forma e simbolismo, in I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO: Actas. vol. II. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do Porto, 1991, pp. 17-59.

MATTOS, R. Pinto de - Memória histórica e descritiva da Ordem Terceira de S. Francisco. Porto: Typographia Occidental, 1880.

MILHEIRO, Maria Manuela - As gravuras dos livros do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Braga, in I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO: Actas. vol. II. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do Porto, 1991, pp. 73-93.

NIEUWDORP, Hans - Introdução, in Les Retables Anversois. XV-XVI Siècles. Anvers: Museum voor Religieuze Kunst Antwerpen, 1993, pp. 15-23

PALLADIO, Andrea - The four books of Architecture. New York: Dover Publications, 1965.

PARISET, François-Georges - L'art classique. Paris: Press Universitaires de France, 1965.

PARISSIEN, Steven - Neo-classique. Le style Adam . Paris: Phaidon Press Limited, 1992.

PASSOS, Carlos - Guia histórica e artística do Porto. Porto:[s.n.], 1935.

PINHO LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de - Portugal Antigo e Moderno. Lisboa: Livraria Tavares Cardoso e Irmão, 1886. vols. 5, 6 e 7.

PINTO, José Marcelino Peres - Apontamentos para a história da cidade do Porto. Porto:[s.n.], 1869.

PRAZ, Mário - L'ameublement. Une encyclopédie de la décoration. Psychologie et évolution de la décoration intérieure. Paris: Pierre Tisné, 1964.

QUARESMA, Maria Clementina - Algumas obras de Luis Chiari no Porto, in Colóquio. Lisboa, 22(1963), pp. 23-25.

RÉAU, Louis - Iconographie de l'art chrétien . Paris: Press Universitaires de France, 1955- 57. vols. I, II e III.

SALTEIRO, Ilídio - Retábulo, in Dicionário da Arte Barroca em Portugal[dir. José Fernandes Pereira]. Lisboa: Ed. Presença, 1989, pp.405-408.

SANTOS, Eugénio dos - O oratório no norte de Portugal. Contribuição para um estudo da história religiosa e social. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.

SANTOS, Reinaldo dos - Oito séculos de arte portuguesa. vol. III. Lisboa:[s.n.],sem data.

SILVA, Raquel Henriques da - Les parcours de la modernité, in Histoires des arts plastiques(Synthese de la culture portugaise). Lisboa: Imprensa Nacional.Casa da Moeda, 1992, pp.109-199.

SMITH, Robert C - A talha em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 1963.

- The portuguese woodcarved retable. in Revista e boletim da Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa: Imprensa Nacional, 2(1950), pp. 16-73.

- A talha do Porto, in Alguns retábulos e painéis de igrejas e capelas do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1963.

- Três estudos bracarenses - Braga:Livraria Cruz, 1972.

SOUSA REIS, Henrique Duarte - Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da cidade do Porto. Porto:[s.n.], 1865.

STAROBINSKI, Jean - L'invention de la Liberté. 1700-1789. Gêneve: Editions d'art Albert Skira, 1964.

TAPIÉ, Victor, L. - Barroco e classicismo. Lisboa: Ed. Presença, 1991; 1º vol.

TAVERNOR, Robert - Palladio and palladianism. London: Thames and Hudson, 1991.

TAYLOR, René - John Carr e o hospital de Santo António do Porto, in Belas-Artes. 2ª série. Lisboa, 15 (1960), pp. 13-31.

TEIXEIRA, Luis Manuel - Dicionário ilustrado de Belas-Artes. Lisboa: Ed. Presença, 1985.

TZONIS, Alexander, LEFRAIVE, Liane; BILODEAU, Denis - El clasicismo en Arquitectura. La poética del orden. Madrid:Unigraf, 1984.

VASCONCELOS, Flório de - Carlos Amarante, arquitecto do Porto Oitocentista, in Boletim Cultural do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto, vol 7/8(1989/1990) pp. 259-281.

-Cinco desenhos de talha dourada. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1984, pp. 387-195.

- Talha neoclássica do Entre-Douro-e-Minho, in Poligrafia. Arouca: Centro de Estudos de D. Domingos de Pinho Brandão, 4(1995), pp. 133-146.

- Uma igreja projectada por Damião Pereira de Azevedo, in Poligrafia. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. 1(1992), pp. 87-92.

- Retábulos pintados imitando talha dourada, in O Tripeiro. Porto 7ª série, 2(1994), pp. 54-49.

WUNDRAM, Manfred; PAPE, Thomas; MARTON, Paolo- Andrea Palladio 1508-1580. Um arquitecto entre o renascimento e o barroco. Köln: Taschen, 1994.

SUMÁRIO	p.4
NOTA PRELIMINAR	p.5
ABREVIATURAS E SINAIS	p.8
INTRODUÇÃO	p.10
1 - <u>O neo-classicismo em Portugal</u>	p.13
1.1 - A figura de Carlos Amarante	p.13
1.2 - A figura de José da Costa e Silva	p.14
1.3 - A escultura na capital: Machado de Castro e João José de Aguiar	p.15
1.1.1 - A escultura no Porto: João Joaquim Alves de Sousa Alão	p.15
1.4 - A pintura na capital e no Porto	p.15
1.4.1 - Jean Pillement	p.16
1.4.2 - Pompeo Batoni	p.17
1.4.3 - Domingos António Sequeira	p.17
1.4.1 - Vieira Portuense	p.18
2 - <u>A arquitectura neo-clássica do Porto</u>	p.19
2.1 - Modernização urbana da cidade	p.19
2.1.1 - A figura de João de Almada e Melo	p.19
2.2 - A figura de John Whitehead	p.20
2.2.1 - A casa da Feitoria	p.21
2.2.2 - O Hospital de Santo António	p.21
2.3 - Objectos de uso privado	p.22
2.3.1 - Bibliotecas	p.23
2.3.2 - Ourivesaria e talha	p.23
3 - <u>A talha de estilo rococó</u>	p.24
3.1 - O estilo rocaille no Porto	p.24
3.1.1 - A igreja de S. Nicolau	p.25
3.1.2 - A igreja de Nossa Senhora da Vitória	p.25
3.1.3 - A capela da Senhora da Soledade	p.26
3.1.4 - A igreja da Ordem Terceira do Carmo	p.26
4. <u>O aparecimento da talha neo-clássica</u>	p.27
4.1 - Primeiras manifestações	p.27
4.2 - Principais características da talha neo-clássica	p.27

CAPÍTULO I - OS ARTISTAS E AS OFICINAS	p.29
1 - A formação e o exercício da profissão	p.30
1.1 - Normas reguladoras do exercício profissional dos ofícios	p.30
1.2 - O ingresso numa oficina como aprendiz	p.31
1.3 - A obtenção do grau de mestre e a abertura de uma oficina	p.32
2 - <u>As atribuições e delimitações dos ofícios</u>	p.33
2.1 - A duplicidade de tarefas	p.33
2.2 - Regulamentação que delimita o âmbito profissional e artístico dos ofícios	p.34
3 - <u>Oficinas de artistas na época neo-clássica</u>	p.36
3.1 - Reconstituição de algumas oficinas	p.38
3.2 - O exercício da mesma profissão na família	p.43
3.3 - Localização das oficinas	p.44
3.4 - A permanência da oficina no mesmo local	p.45
3.4.1 - Mobilidade dentro da cidade	p.45
3.4.2 - Empreitadas fora da cidade	p.46
4 - <u>Conclusão</u>	p.47

CAPÍTULO II - OS RETÁBULOS NEOCLÁSSICOS E OS RETÁBULOS DE TRANSIÇÃO	p.49
1 - <u>Retábulos neoclássicos</u>	p.50
1.1 - Igreja de S. Pedro de Miragaia	p.51
1.1.1 - Descrição do 1º retábulo lateral(Evangelho)	p.51
1.1.2 - Descrição do 1º retábulo lateral (Epístola)	p.53
1.2 - Igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco	p.55
1.2.1 - Descrição do retábulo-mor	p.56
1.2.2 - Descrição do modelo dos retábulos laterais	p.58
1.2.3 - Descrição do retábulo da sacristia	p.61
1.3 - Igreja de S. Nicolau	p.63
1.3.1 - Descrição do modelo dos retábulos colaterais	p.63
1.4 - Igreja da Santa Casa da Misericórdia	p.66
1.4.1 - Descrição do modelo dos retábulos colaterais	p.67
1.4.2 - Descrição do modelo dos retábulos laterais	p.68
1.5 - Igreja de S. João Novo	p.70
1.5.1 - Descrição do modelo dos retábulos colaterais	p.71
1.5.2 - Descrição do 1º retábulo lateral(Evangelho)	p.73

1.5.3 - Descrição do 1º retábulo lateral (Epístola)	p.75
1.6 - Igreja de S. José das Taipas	p.77
1.6.1 - Descrição do retábulo-mor	p.78
1.6.2 - Descrição do modelo dos retábulos laterais	p.80
1.7 - Venerável Ordem Terceira do Carmo	p.82
1.7.1 - Descrição do retábulo da sacristia	p.83
1.7.2 - A capela do hospital e a descrição do seu retábulo	p.84
1.8 - Igreja de S. Pedro dos Clérigos	p.87
1.8.1 - Descrição do 1º retábulo lateral (Evangelho)	p.88
1.9 - Igreja de Santo António dos Congregados	p.90
1.9.1 - Descrição do modelo dos retábulos laterais	p.90
1.10 - Igreja de S. Lourenço	p.92
1.10.1 - Descrição do retábulo-mor	p.92
1.10.2 - Descrição do modelo dos retábulos colaterais	p.95
1.10.3 - Descrição do retábulo do topo do transepto(Epístola)	p.97
1.10.4 - Descrição do modelo dos retábulos laterais	p.99
1.11 - Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora da Lapa	p.101
1.11.1 - Descrição do retábulo-mor	p.102
1.11.2 - Descrição do modelo dos retábulos laterais - 1º tipo	p.104
1.11.3 - Descrição do modelo dos retábulos laterais - 2º tipo	p.106
1.12 - Igreja de Lordelo do Ouro	p.107
1.12.1 - Descrição do retábulo-mor	p.108
2 - <u>Aspectos globais na estrutura e decoração destes exemplares</u>	p.111
3 - <u>Conclusão</u>	p.112

CAPÍTULO III - ANÁLISE TIPOLOGICA DOS RETÁBULOS NEO-CLÁSSICOS

E DE TRANSIÇÃO

	p.115
1 - <u>Organização estrutural do retábulo</u>	p.115
1.1 - Base	p.116
1.2 - Embasamento	p.117
1.3 - Corpo	p.119
1.4 - Remate	p.120
2 - <u>O papel da ornamentação</u>	p.120
2.1 - Formas naturais	p.121
2.2 - Formas animais	p.123

2.3 - Formas artificiais	p.123
2.4 - Ornamentação clássica	p.124
3 - <u>Lista tipológica dos retábulos de tipo neo-clássico</u>	p.125
4 - <u>Análise tipológica dos tipos transitórios</u>	p.128
4.1 - Retábulo-mor da igreja de Lordelo do Ouro	p.129
4.2 - Retábulo da sacristia da Venerável Ordem Terceira do Carmo	p.131
4.3 - Retábulo-mor da Igreja de S. Lourenço	p.133
4.3.1- retábulos laterais (2º tipo) da igreja da Ordem Terceira da Lapa	p.134
5 - <u>Apreciação dos retábulos de tipo transitório</u>	p.136
6 - <u>Os retábulos de estilo neo-clássico e a sua análise tipológica</u>	p.137
6.1 - Tipo I	p.138
6.1.1 - Subtipo I.1	p.147
6.2 - Tipo II	p.149
6.2.1 - Subtipo II.1	p.153
6.2.1.1 - Subtipo II.1.2	p.155
6.3 - Tipo III	p.157
6.3.1 - Subtipo III.1	p.158
6.4 - Tipo IV	p.160
6.4.1 - Subtipo IV.1	p.163
6.4.1.1 - Subtipo IV.1.2	p.165
6.5 - Tipo V	p.167
6.6 - Tipo VI	p.169
6.7 - Tipo VII	p.174
6.8 - Tipo VIII	p.175
7 - <u>Conclusão</u>	p.177
CONCLUSÃO	p.181
FONTES E BIBLIOGRAFIA	p.185
ÍNDICE	p.197

